
AS ESTRATÉGIAS POLIFÔNICAS NO GÊNERO ATA COM LOCUTORES IDENTIFICADOS COMO SECRETÁRIOS

Erivaldo Pereira do Nascimento
Universidade Federal da Paraíba/CNPq

Pricila Rafaela dos Santos Oliveira
Universidade Federal da Paraíba/ Balcão – CNPq

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo descrever o fenômeno da polifonia no gênero textual/discursivo ata. Os textos que compõe o *corpus* são compostos por 10 (dez) atas, cujos locutores se identificam como secretários, e que foram coletadas em instituições públicas ou privadas e, ainda, na Internet. O referencial utilizado como base para essa investigação é a Teoria da Argumentação na Língua, especialmente os estudos sobre a polifonia, a partir de Ducrot (1988), Bakhtin (2002), Authier-Révuz (1988), Nascimento (2009), Koch (2000), entre outros. Nas atas analisadas, percebemos a predominância da polifonia de locutores como o tipo de polifonia mais comum no texto das atas, dada a própria natureza da produção desse gênero textual. Percebe-se ainda a presença tanto de estratégias de engajamento como de distanciamento. Assinalamos que o locutor responsável pelo discurso (L1) utilizou como estratégia de engajamento o estilo indireto, seguido de verbo não modalizador ou modalizador do tipo avaliativo. No entanto, quando esse quis se distanciar do relato de outros locutores presentes em seu discurso, utilizou-se, principalmente, de verbos *dicendi* modalizadores epistêmicos quase-asseverativos ou das aspas de diferenciação.

Palavras-chave: Argumentação, Polifonia, Ata, Secretariado Executivo.

Abstract: This paper aims to describe the phenomenon of polyphony in the discourse genre called Minutes. The *corpus* of this investigations consists of 10 (ten) minutes, whose locutors are identified as secretaries, and it was collected in public and private institutions, and also on the Internet. The research was based on the Theory of Argumentation in Language, especially the studies about polyphony, by Ducrot (1988), Bakhtin (2002), Authier-Révuz (1988), Nascimento (2009), Koch (2000), among others. We could perceive the predominance of the polyphony of locutors as the most common type of polyphony in the texts that we analyzed. Then, we could observe the presence of both engagement and non-engagement argumentative strategies. We could also identify that the locutor responsible for speech (L1) generally uses, as an engagement strategy, the indirect speech introduced by a modalized or a non-modalized verb. However, when he wanted to keep distance from other locutors, L1 had generally used near-asseverate epistemic *dicendi* modalized verbs or near-quotes.

Keywords: Argumentation. Polyphony. Minutes, Secretariat.

1 Introdução

O presente trabalho expõe resultados de uma investigação que tem como objetivo analisar e descrever a estrutura e o funcionamento polifônico do gênero do discurso denominado ata, em textos produzidos por locutores que se identificam como secretários. A ata é um dos documentos com os quais o profissional de Secretariado Executivo lida, diariamente, tanto nas instituições públicas, como privadas.

Uma das atribuições do profissional de Secretariado é a produção de documentos, por essa razão, é de fundamental importância que esse profissional conheça como se organiza, discursiva e argumentativamente, cada um dos documentos que circulam nas instituições.

A afirmativa de que a ata é um gênero do discurso polifônico se dá pela enorme presença de diferentes tipos de relatos, em seu interior. Na atividade de produção textual desse gênero, o secretário precisa saber lidar com a presença desses relatos e ter a consciência de que, dependendo da forma como os relatos são materializados, na superfície textual, são gerados diferentes efeitos de sentido. Esses efeitos de sentido funcionam, conseqüentemente, como estratégias argumentativas já que direcionam o texto para determinadas conclusões.

Assim, conhecer os efeitos de sentido que determinadas estratégias polifônicas geram nos textos, e de como deve ser o posicionamento enquanto locutor, mediante aquilo que se deseja registrar em uma ata, torna-se imperativo para o profissional quando da produção desse documento.

A atual investigação descreve, por conseguinte, as estratégias polifônicas utilizadas em atas coletadas em instituições públicas ou privadas e, ainda, na Internet. As atas tratam de variados assuntos e relatam reuniões, comissões etc. Todas elas foram lavradas por secretários, ou seja, em todas elas, o locutor se apresenta como um secretário responsável por ter lavrado o documento.

Neste trabalho, mostraremos a análise de trechos de três atas do referido *corpus*, em virtude do espaço que aqui dispomos e, em seguida, sumarizamos os dados encontrados na investigação. A pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho descritivo (no entanto não nos furtaremos de quantificar alguns dados relevantes), e foca na descrição e análise das estratégias polifônicas encontradas no interior do texto.

Para a investigação utilizamos como referencial teórico-metodológico os pressupostos da Teoria da Argumentação na Língua, em especial os estudos a respeito da Polifonia, tal como proposto por Ducrot (1987 e 1988), Bakhtin (2002[1997]), Authier-Révuz (1988) e Nascimento (2005 e 2009). Ainda necessitamos recorrer aos estudos da Modalização, tal como proposto por Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Neves (2000) e Nascimento (2005 e 2009).

2. Teoria da Argumentação

A Teoria da Argumentação, proposta por Ducrot e colaboradores, tem como objetivo geral se opor à concepção tradicional do sentido. O sentido de um enunciado, tradicionalmente, se distingue em três tipos de indicações: objetivas, subjetivas e intersubjetivas. As indicações objetivas indicam uma representação da realidade, as subjetivas consistem na atitude do locutor perante a realidade e as intersubjetivas se referem às relações do locutor com o seu público.

Ducrot ao se opor a essa descrição, apresenta sua Teoria, em comparação à concepção tradicional de sentido. Para ele, a linguagem ordinária não possui uma parte objetiva nem os enunciados descrevem diretamente a realidade: “Não creio que a linguagem ordinária possua

uma parte objetiva, tampouco creio que os enunciados da linguagem deem acesso direto à realidade; em todo caso não a descrevem diretamente”.¹ (DUCROT, 1988, p. 50).

Para o autor, se a linguagem ordinária descreve a realidade é por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos que Ducrot os reúne e dá a denominação de valor argumentativo dos enunciados.

O teórico ainda afirma que o valor argumentativo de uma palavra é a orientação que essa dá ao discurso.

O valor argumentativo de uma palavra é por definição a orientação que essa palavra dá ao discurso. De fato, na minha opinião, o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso e o valor argumentativo dessa palavra é o conjunto dessas possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina. (DUCROT, 1988, p. 51).²

Em Ducrot, a palavra sentido significa por um lado significação e por outro, direção. Para o autor, essa polissemia da palavra sentido é muito significativa, indicando que o sentido de uma palavra é, ao mesmo tempo, uma orientação no discurso.

A palavra sentido significa pelo menos duas coisas. Por uma parte significação e por outra parte direção, em inglês meaning y direction, respectivamente. Em espanhol fala do sentido de um trajeto. Para mim essa polissemia da palavra sentido nas línguas românicas é muito significativa: indica que o sentido de uma palavra é ao mesmo tempo uma orientação no discurso. Essa é a ideia que trato de expressar com a noção do valor argumentativo.³ (DUCROT, 1988, p. 52).

Ducrot (1988, p. 53) faz, em sua Teoria, a distinção entre frase e enunciado. O enunciado são as múltiplas realizações possíveis de uma frase; isso resulta que o enunciado é uma realidade empírica, podendo ser observado. Já a frase é uma entidade teórica, que não pode ser observada.

Após a definição e distinção das noções de frase e enunciado o autor define a língua como sendo um conjunto de frases. E acrescenta que fazer a descrição de uma língua é descrever as frases dessa língua.

¹ No original: No creo que el lenguaje ordinario posea una parte objetiva ni tampoco creo que los enunciados del lenguaje den acceso directo a la realidad; en todo caso no la describen directamente.

² No original: El valor argumentativo de una palabra es por definición la orientación que esa palabra da al discurso. En efecto, a mi juicio el empleo de una palabra hace posible o imposible una cierta continuación del discurso y el valor argumentativo de esa palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina.

³ No original: La palabra sentido significa por lo menos dos cosas. Por una parte significación y por otra parte dirección, en inglés meaning y direction respectivamente. En español hablo del sentido de un trayecto. Para mí esta polissemia de la palabra sentido en las lenguas romances es muy significativa: indica que el sentido de una palabra es al mismo tiempo una orientación en el discurso. Esta es la idea que trato de expresar con la noción de valor argumentativo.

Ducrot ainda estabelece a diferença entre *sentido* e *significação*, em que *significação* é definido como sendo o valor semântico da frase e *sentido* o valor semântico do enunciado, ou seja, a frase tem uma *significação* e o enunciado um *sentido*.

Por definição chamarei *significação* ao valor semântico da frase e *sentido* ao valor semântico do enunciado (ou seja, da realização da frase). A frase tem, portanto, uma *significação* e o enunciado, um *sentido*.⁴(DUCROT, 1988, p. 57).

O discurso, segundo Ducrot, está constituído por uma sequência de enunciados, e supõe que: um discurso tem dois segmentos sucessivos S1 e S2. Se o segmento S1 tem *sentido* somente a partir do segmento S2, então a sequência S1 + S2 constitui um único enunciado. (Ducrot, 1988, p. 53).

2.1 Os estudos sobre a Polifonia

O termo polifonia origina-se da música e é utilizada para designar uma determinada composição musical composta pela superposição de diversas vozes. O *sentido* de enunciado, para Ducrot (1988, p.65-66), está baseado na noção de polifonia, criando a Teoria Polifônica da Enunciação.

Ducrot propõe com essa teoria que a origem da enunciação seja designada a um ou a vários sujeitos. Para ele (1988, p.16) na língua existem vários recursos linguísticos e fenômenos discursivos que permitem a estruturação de discursos polifônicos, dentre os quais a pressuposição, a paráfrase e a negação.

Ducrot ainda propõe a existência de três funções diferentes para a enunciação: locutor (L), sujeito empírico (SE) e enunciadador (E). (Ducrot, p. 16).

- ✓ O locutor (L) é quem se apresenta como responsável pelo enunciado, a quem são referidas o pronome *eu* e as marcas de 1º pessoa do enunciado.

Por definição entendo por locutor um ser que é, no próprio *sentido* do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É aquele que refere o pronome *eu* e as outras marcas de 1º pessoa. (DUCROT, 1987, p.182).

- ✓ O sujeito empírico (SE) é aquele que se apresenta como o produtor do enunciado: “o sujeito empírico é o autor efetivo, o produtor do enunciado. Mas, determinar quem é o autor é muito menos fácil do que se pode acreditar”⁵. (Ducrot, p. 16)

⁴Por definición llamaré *significación* al valor semántico de la frase y *sentido* al valor semántico del enunciado (es decir, de la realización de la frase). La frase tiene pues una *significación* y el enunciado un *sentido*.

⁵No original: El sujeto empírico es el autor efectivo, el productor del enunciado. Pero determinar quién es el autor es mucho menos fácil de lo que se podría creer.

- ✓ Os enunciadores (E) são os variados pontos de vista apresentados pelo locutor, em seu discurso, que assume determinadas posições em relação a esses enunciadores: “Na teoria da polifonia, no entanto, o enunciado apresenta uma infinidade de pontos de vista diferentes e o locutor toma várias atitudes em relação a esses pontos de vista”⁶. (DUCROT, 1988, p. 68).

2.1.1 Polifonia de locutores

Ducrot apresenta, logo em seguida, dois tipos de polifonia apresentados no discurso: a polifonia de locutores e a polifonia de enunciadores.

A polifonia de locutor é encontrada no discurso relatado, em que se pode observar a presença de pelo menos dois locutores distintos. De acordo com Ducrot (1987, p. 182), nos enunciados que possuem este tipo de estilo, há uma pluralidade de responsáveis.

Exemplo: **Aline me disse: Eu não vou sair hoje.**

Observamos que o **me** atribui-se a o locutor responsável pelo discurso, e o **eu** é atribuído a outro locutor.

Como exemplo de polifonia de locutores, há o discurso relatado, as aspas, citações, referências etc.

a) Discurso relatado - Ducrot afirma que o discurso relatado ocorre quando falamos com as mesmas palavras utilizadas pelo autor do discurso. (1987, p.186).

Alguns recursos são usados para marcar o discurso relatado, como: as aspas, travessão, verbos dicendi, dois pontos etc.

Segundo Bakhtin (2002b), a diferença entre o discurso relatado direto e indireto é de grau e orientação de análise, ou seja, no estilo direto a análise do discurso do outro é menor que no indireto. Acrescentando que esse tipo de discurso integra elementos e matrizes que o outro deixa de lado.

Bakhtin (2002, p.161), ainda acrescenta que a análise, no discurso indireto, pode ser de conteúdo ou de expressão.

De acordo com Nascimento (2005, p. 27), no estilo direto o locutor responsável pelo discurso (L1) não se compromete com o relato dos outros locutores apresentados em seu discurso, já que não assume a responsabilidade pelo enunciado dos outros locutores. Já no estilo indireto, L1 se compromete com os discursos dos outros locutores, porque torna seu o relato do outro, “incorporando as palavras alheias e deixando de sinalizá-las (com aspas ou travessão) como tal”. Logo, trata-se de uma questão de maior ou menor comprometimento, uma vez que no estilo direto há um distanciamento e no indireto, uma assimilação das palavras do outro.

b) Aspas – além de ilustrar a voz de um locutor, as aspas possuem outras funções distintas, dando permissão, inclusive, ao locutor se distanciar do que ele apresentar no discurso.

Segundo Authier-Révuz (1988, p. 118), as palavras assinaladas por aspas estão marcadas como um discurso pertencente a outro, ou seja, através das aspas, o locutor traz o

⁶ No original: En la teoría de la polifonía, por el contrario, el enunciado presenta una multitud de puntos de vista diferentes y el locutor toma una multitud de actitudes en relación con esos puntos de vista

discurso de um “outro” e introduz em seu próprio discurso, deixando claro que aquele relato entre aspas pertence a esse “outro”.

Authier-Révuz (1988) ainda acrescenta que, no discurso científico, por exemplo, as aspas possuem funções distintas. Quando as palavras científicas estão entre aspas, o locutor deixa claro, ao seu leitor, que está utilizando palavras de especialistas. Por outro lado, quando as palavras correntes, da linguagem cotidiana, estão assinaladas, a intenção do locutor é mostrar que não está utilizando as palavras da ciência. De acordo com Nascimento (2009, p. 27), muito mais do que assinalar palavras cotidianas, essas aspas servem para que o locutor se distancie do que aparece relatado.

Koch (2001, p.53), a partir de Authier, especifica as diferentes funções das aspas, na operação de distanciamento:

- 1) **Aspas de diferenciação** – utilizadas para o locutor mostrar que se diferencia daquele que usa a palavra – “que somo ‘irredutíveis’, às palavras mencionadas”.
- 2) **Aspas de condescendência** – usadas pelo locutor para assinalar uma palavra que se agrega ‘paternalisticamente’, por ter conhecimento que o interlocutor falaria assim;
- 3) **Aspas pedagógicas** – aparece na ‘vulgarização’ dentro do discurso científico, geralmente para distinguir um termo ou expressão vulgar que será trocado por um termo técnico, ao qual o locutor aprova;
- 4) **Aspas de proteção** – o locutor a utiliza para mostrar que certas palavras ou expressões não são plenamente apropriadas e que estão sendo empregados no lugar de outra;
- 5) **Aspas de ênfase** – o locutor a usa para assinalar insistência;
- 6) **Aspas de questionamento ofensivo ou irônico** – “quanto à propriedade da palavra ou expressão empregada pelo interlocutor por prudência ou por imposição da situação” (KOCH, 2001, p. 54).

c) Verbos *dicendi*

Segundo Nascimento (2005, p.49), os verbos são elementos linguísticos que podem assumir, discursivamente, a função de modalizadores. De forma especial, os verbos *dicendi* exercem essa função, em simultaneidade com a polifonia de locutores.

De acordo com Travaglia (2003, p. 164), os verbos *dicendi* podem desempenhar três funções em um texto. A primeira é a de introduzir falas, que permitem a descrição de entonações, tons, altura de voz etc. da fala, que não podem ser descritas na língua escrita. Ele cita como exemplos desse primeiro tipo de verbos *sussurrar, sibilar, gritar, pedir num gemido, chamar desesperado (feliz, ansioso, calmamente etc.)*.

O segundo tipo de verbos *dicendi*, segundo Travaglia, é aquele que serve para “dizer o tipo de fala que se produz”, a exemplo de *perguntar, responder, redargüir* etc. Por último, o autor diz que há um terceiro tipo de verbo cuja função é “instituir perspectivas em que se deve tomar a fala”. *Segredar, instilar, acalmar* etc. são exemplos desses verbos.

Esse terceiro tipo de verbo, segundo Nascimento (2005, p. 50), adquire duas funções diferentes: a primeira é expor o discurso de um segundo locutor (L2), a segunda é apontar como o locutor responsável pelo relato (L1) quer que o discurso desse segundo locutor (L2) seja lido.

Neves (2000) inclui os verbos *dicendi* em um grupo maior de verbos, denominado por ela de elocução, e classifica esses verbos em dois grandes grupos. O primeiro grupo, dos verbos *dicendi*, são os verbos de elocução propriamente ditos. Ela cita como exemplo os verbos *falar, dizer, gritar, surrar* etc. O segundo grupo é formado por aqueles que

“introduzem discurso, mas não necessariamente indicam atos de fala” (NEVES, 2000 p. 49), são exemplos *acalmar, ameaçar, consolar, garantir, rir, chorar* etc.

Por fim, Neves acrescenta que, entre os verbos *dicendi*, há alguns que “apresentam lexicalizado o modo que caracteriza esse dizer” (p.48). Com essa afirmação, a autora sugere que esses verbos são elementos modalizadores, apesar de não falar categoricamente em modalização discursiva através dos verbos *dicendi*. Como exemplo ela cita verbos como *queixar-se, comentar, confidenciar, observar, protestar* etc., podendo também ser parafraseado por *dizer uma queixa, dizer um comentário, dizer uma confidência, dizer uma observação, dizer um protesto* etc.

Para Cervoni (1989) alguns verbos enunciativos, ou seja, verbos *dicendi* podem ser portadores de modalidade. Para o referido autor, determinados verbos como “*afirmar, sustentar, confirmar, garantir, certificar, declarar, contestar, negar*”, são portadores de uma síntese lexêmica do tipo enunciativo + modalidade.

Segundo Nascimento, as classificações de Travaglia (2003) e Neves (2000) são bastante pertinentes e expõe algumas características bastante relevantes dos verbos *dicendi*, ou seja, verbos de elocução. No entanto, não são satisfatórias, uma vez que não descrevem com precisão o funcionamento dos verbos *dicendi* modalizadores.

Cervoni (1989), embora considere a modalidade existente em alguns verbos enunciativos, não apresenta uma análise satisfatória dos verbos *dicendi* modalizadores, segundo Nascimento, uma vez que aquele estudioso considera a modalidade apenas em enunciados do tipo “Eu + verbo *dicendi* + que...”.

Por essa razão, Nascimento (2005) apresenta um quadro mais sintetizado dos verbos *dicendi*, aplicado não somente a enunciações em primeira pessoa, mas também em terceira.

De acordo com Nascimento, os verbos *dicendi* são classificados em dois grupos. O primeiro grupo, dos verbos *dicendi*, são os não-modalizadores, ou seja, “são aqueles que, por natureza, apresentam o discurso de um L2 sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta (L1). Com esse tipo de verbo, L1 tende a manter-se afastado do discurso de L2” (p. 54). Como exemplos desse primeiro grupo de verbos ele cita *dizer, falar, perguntar, responder, concluir* etc. Nascimento (2005) denomina o segundo grupo dos verbos *dicendi*, de modalizadores, que são aqueles “que além de apresentarem o discurso de um locutor (L2) assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso pelo locutor que o apresenta (L1)” (p. 55). Ele dá como exemplo, desse segundo tipo, os verbos *acusar, protestar, afirmar, declarar*, etc.

Nascimento (2005, p. 56) acrescenta que estará considerando como *dicendi* quaisquer verbos que sejam utilizados por um locutor (L1) para expor o relato de um outro locutor (L2), “independente de esses verbos serem utilizados, em outros discursos ou situações, com outros objetivos”.

2.2 Polifonia de enunciadores

A polifonia de enunciadores ocorre quando o locutor coloca no mesmo enunciado pontos de vista diferentes: “Os enunciadores são, portanto, esses pontos de vista que o locutor traz para o seu discurso.” (NASCIMENTO, 2005, p. 62).

Para Ducrot (1987, p. 193), “o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes”.

Ao colocar em seu discurso esses enunciadores, o locutor assume variadas posições com relação a esses enunciadores, ora os aprovando, ora se assimilando a eles, ora se opondo a

eles. No entanto, para Ducrot (1988) o mais importante é que a presença dos enunciadores está essencialmente relacionada com o sentido do enunciado.

Ducrot(1988) exemplifica como polifonia de enunciadores a pressuposição, o humor e a ironia, a negação, entre outros. Em cada um deles, o locutor assume posições distintas com relação aos enunciadores que atualiza.

3. O Gênero Ata

O gênero ata, aqui analisado, está sendo concebido a partir da noção de gênero do discurso. Bakhtin (2000, p. 279) descreve os gêneros do discurso como sendo tipos relativamente estáveis de enunciados.

Para o autor, os gêneros do discurso são infinitos e heterogêneos, uma vez que, dependem da intenção e dos fatos sociais. Bakhtin afirma que cada esfera da atividade humana “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. (2000, p. 279).

De acordo com Bakhtin (2000, p. 281), os gêneros do discurso são classificados em dois grandes grupos: primários ou simples e secundários ou complexos. Entenda-se por gêneros primários todos aqueles utilizados em situações do cotidiano. E os secundários aqueles que aparecem nas situações mais complexas e desenvolvidas da vida social.

Bakhtin (2000, p. 279) ainda estabelece três critérios que necessitam ser examinado para poder identificar um gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O conteúdo temático está relacionado ao conteúdo que comumente é objeto de cada gênero. No caso da ata, tal conteúdo pode conter os mais variados tipos de assuntos, como esclarecimentos, discussões, tomada de decisão, entre outros, comuns a reuniões e seções. Segundo Bakhtin (2000, p. 300), é nesse conteúdo temático que se poderá perceber a maneira como o autor trata o tema abordado: esse pode ser apresentado de forma mais ou menos exaustivo. É ainda através desse tipo de critério que o intuito ou querer-dizer do locutor vai revelar as intenções de quem fala ou escreve e determina o todo do enunciado⁷: sua amplitude, suas fronteiras.

Já com relação ao estilo, Bakhtin (2000) afirma que os gêneros podem refletir a individualidade de quem fala ou escreve. Entretanto, o autor revela que nem todos os gêneros são propícios ao estilo individual. Os gêneros formulaicos, no qual a ata está inserida, possuem uma forma padronizada, e, por isso, são menos favoráveis para refletir essa individualidade. Contudo, vale salientar que mesmo nos gêneros considerados menos favoráveis, existem marcas de individualidade deixadas pelo autor.

O estudioso ainda afirma que o estilo de um gênero pode ser reconhecido através da forma linguística e funcional, referindo-se à forma peculiar que cada gênero assume em cada esfera da atividade e da comunicação humana, na qual se torna relativamente estável do ponto de vista temático composicional e estilístico. No caso da ata, é possível afirmar que a marca da polifonia é própria do estilo composicional desse gênero textual, assim como a presença de elementos modalizadores, conforme veremos da análise, mais adiante.

Quanto à construção composicional, as características mais comuns na estrutura do gênero ata, apontadas em diversos manuais de redação, são: título, data, local, convocação, prévia que determina a reunião, finalidade da reunião, ordem do dia, fecho e assinaturas.

⁷ Em Bakhtin, o termo enunciado se refere ao que comumente chamamos de texto, um todo comunicativo.

Tratando especificamente da ata, podemos assinalar que ela é um tipo de documento de suma importância para as organizações, tanto na administração pública, quanto na área privada. É usado como um meio de comunicação altamente formal, cuja finalidade é relatar os assuntos mais relevantes tratados em uma reunião, assembleia ou convenção. Daí as suas várias espécies: ata de assembleia geral extraordinária, de assembleia geral ordinária etc. A ata é, portanto, um relatório “pormenorizado” de tudo o que se passou em uma reunião, assembleia ou convenção.

De acordo com Sabino (2004, p. 63), a ata deve ser um texto compacto, a transcrição pode ser feita à mão ou digitada e impressa. A ata de uma reunião será lida e aprovada na reunião seguinte, afirma a autora.

De acordo com os manuais de redação, as partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões cujos eventos se registram. Entretanto, as mais importantes e que mais frequentemente aparecem, são as seguintes: título, local e data, finalidade da reunião, ordem do dia, fecho e assinaturas. Uma de suas particularidades é que a ata deve ser assinada em alguns casos pelos participantes da reunião, e sempre, pelo presidente ou secretário, como afirma Medeiros (2006, p.210).

4. Procedimentos Metodológicos e descrição da polifonia nas atas

Partimos da hipótese, nesta investigação, de que o gênero ata é por natureza polifônica. Isso se justifica porque o produtor desse gênero textual, secretário ou não, registra no texto pontos de vistas, relatos, posicionamentos e decisões das diferentes pessoas presentes na reunião, encontro ou evento que está sendo objeto de relato.

O objetivo da investigação, por sua vez, é demonstrar que a polifonia de locutores no gênero em estudo é índice de argumentatividade e denuncia posicionamentos do locutor responsável pela ata com relação aos demais locutores que esse traz para o seu discurso.

Nesta investigação analisamos 10 atas produzidas por pessoas que desempenham a função de secretário. Esses documentos foram coletados em instituições públicas ou privados e, ainda, na Internet.

Neste trabalho, apresentamos a descrição de trechos de três atas, a título de ilustração, no entanto mostramos os resultados da descrição de todas as atas analisadas do *corpus*. A primeira delas trata-se da ata de uma reunião do Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul – CEIVAP, a segunda se refere a uma Reunião do Conselho Diretor do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte e a terceira trata-se de uma assembleia para a implantação do CORESA do Sul do Piauí.

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho descritivo, embora sejam quantificadas as estratégias mais frequentes, além de identificarmos a presença dos diferentes tipos de locutores presentes no discurso, analisamos o posicionamento do locutor responsável pelo discurso (L1), aquele que se apresenta como responsável pela ata, com relação aos outros locutores (L2, L3 etc. = relatos) presentes no interior do texto. Para tal, nos valem das categorias de análise de Nascimento (2009, p. 75), identificando as estratégias de engajamento e as estratégias de distanciamento.

Por estratégias de engajamento, entenda-se aquelas que denunciam um posicionamento de assimilação (concordância) de um locutor com relação ao discurso de um outro locutor. Entre essas estratégias, Nascimento inclui o estilo indireto, introduzido por verbo não modalizador, e em algumas situações, o discurso indireto introduzido por verbo *dicendi* modalizador.

Por estratégias de não engajamento, ou distanciamento, entenda-se aquelas em que o locutor responsável pelo discurso se distancia do discurso dos outros locutores, não assumindo a responsabilidade pelo dito. Nesses casos, segundo Nascimento, estão o estilo direto introduzido por verbos *dicendi* modalizadores ou não, as aspas de diferenciação, entre outras estratégias.

Nos trechos transcritos, identificamos os trechos pertencentes a L2 (segundo locutor) na cor azul e os verbos *dicendi* na cor vermelha. Em seguida, apresentamos a descrição realizada da presença da polifonia, identificando os locutores, bem como o posicionamento do locutor responsável pela ata (doravante L1 - Secretário que lavrou o documento) com relação aos outros locutores presentes no enunciado (L2, L3 etc.).

Passemos a análise de trechos polifônicos das atas.

ATA 1 - ATA DA 1ª REUNIÃO ORDINÁRIA E DA 4ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO 1º COMITÊ DE INTEGRAÇÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAÍBA DO SUL - CEIVAP DO ANO DE DOIS MIL E NOVE

Trecho 01

Em sua fala, o Secretário **disse** que, graças à iniciativa do CEIVAP de implantar a cobrança pelo uso da água, foi possível estar aqui hoje distribuindo dinheiro para as Prefeituras, ato que faz desta reunião um momento festivo.

Ao observar o trecho 01, notamos a presença de dois locutores distintos: o primeiro (L1) – responsável por todo o texto, e o segundo locutor (José Carlos) – responsável pelo relato introduzido pelo verbo “disse” e que aparece após a palavra que - graças à iniciativa do CEIVAP de implantar a cobrança pelo uso da água, foi possível estar aqui hoje distribuindo dinheiro para as Prefeituras, ato que faz desta reunião um momento festivo.

Observamos que L1 introduz a fala do segundo locutor (José Carlos) sob a forma de estilo indireto, introduzido pelo verbo “disse”, não modalizador. A presença do estilo indireto, sem verbo *dicendi* modalizador, revela uma assimilação, ou seja, um engajamento do primeiro locutor com relação ao discurso do segundo locutor, como assinala Nascimento (2005).

Trecho 02

(...)“esse é o espírito da cobrança”, **disse** o Secretário.

No trecho 02, percebe-se dois locutores distintos L1 (o locutor responsável pelo enunciado) e L2 (o Secretário José Carlos), assinalado pelas aspas que assinalam o estilo direto, utilizado para assinalar o discurso de L2, ou seja, para indicar a mudança de locutores. Temos, portanto, um relato no estilo direto, em que se percebe o distanciamento de L1 com relação ao discurso de L2, em outras palavras, L1 não se compromete com o que L2 enuncia.

Trecho 3

“No caso da bacia do Paraíba do Sul, houve uma gestão exitosa através do CEIVAP e da AGEVAP, que nos permite estar aqui hoje distribuindo dinheiro para as prefeituras investirem na recuperação e conservação dos rios mineiros”, **avaliou** o Secretário.

No trecho 03, percebe-se a presença de dois locutores: o primeiro (L1) é o responsável por todo o enunciado, que está na terceira pessoa, e o segundo (L2) é o Secretário José Carlos, que é responsável por tudo que aparece escrito entre aspas.

L1 introduz o relato do segundo locutor (José Carlos) no estilo direto, entre aspas, com a presença de verbo *dicendi*. Ao usar o estilo direto, L1 distancia-se do discurso de L2, não se comprometendo com o relato desse segundo locutor. Entretanto, ao utilizar o verbo *dicendi* “avaliar”, L1 deixa registrado em seu discurso como o relato de L2 deve ser lido, imprimindo um ponto de vista e uma avaliação do discurso do segundo locutor.

Percebe-se, portanto, como um locutor vai se posicionando com relação ao discurso do outro e que, dessa forma, vai se construindo a trama argumentativa através da polifonia. Foi catalogado apenas um trecho com esse tipo de estratégia.

A polifonia é presente, também, nas atas de número dois e três, que compõe o nosso corpus de investigação, conforme demonstramos abaixo.

ATA 2 - ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DIRETOR DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO RIO GRANDE DO NORTE

Trecho 4

Disse também que a expectativa é de que, nos próximos anos, sejam extintos os cargos de confiança FG.4, passando a integrar a Estrutura apenas os cargos de FG.2 acima.

Ao observar o trecho 04, notamos a presença de dois locutores distintos: o primeiro (L1) – responsável por todo o texto, e o segundo locutor (Mariz) – responsável pelo relato que está após o verbo “disse”.

Observamos que L1 introduz a fala do segundo locutor (Mariz) sob a forma de estilo indireto, introduzido pelo verbo “disse”, não modalizador. A presença do estilo indireto, sem verbo *dicendi* modalizador, revela uma assimilação, ou seja, um engajamento do primeiro locutor com relação ao discurso do segundo locutor, como assinala Nascimento (2005).

Trecho 5

O conselheiro Erasmo **salientou** que os ótimos resultados da avaliação mostram a consistência do CEFET-RN e disse esperar que os indicadores venham a crescer a cada ano.

No trecho 05, nota-se a presença de dois locutores distintos: o primeiro locutor (L1) – o responsável por todo o enunciado que está na terceira pessoa. O segundo (L2) – conselheiro Erasmo, responsável por todo o trecho que vem após o verbo “salientar”. Notamos que L1 introduz o relato de L2 e através do verbo “salientar”, que é um modalizador avaliativo, traz o relato em seguida, agregando ao seu próprio discurso. Constituindo-se assim em um estilo indireto.

Ao fazer uso desse estilo, L1 assimila o discurso de L2, se comprometendo com o dito. Ao utilizar o verbo “salientar”, L1 deixa registrado em seu discurso como o relato de L2 deve ser lido, imprimindo um ponto de vista e uma avaliação do discurso do segundo locutor.

Trecho 06

Ele **afirmou** ainda que, em termos de quantidade e distribuição de cargos de confiança das Unidades de Ensino Descentralizadas, a UNED-Mossoró é considerada uma unidade de referência e que, com a nova reestruturação, essa Unidade passará a ter 20 (vinte) cargos.

No trecho 06, percebe-se a presença de dois locutores: o primeiro (L1) é o responsável por todo o enunciado, que está na terceira pessoa. O segundo (L2) é o professor Mariz, responsável pelo trecho: em termos de quantidade e distribuição de cargos de confiança das Unidades de Ensino Descentralizadas, a UNED-Mossoró é considerada uma unidade de referência e que, com a nova reestruturação, essa Unidade passará a ter 20 (vinte) cargos.

L1 introduz o discurso de L2 (Mariz) sob a forma de estilo indireto, introduzido pelo verbo “afirmar” modalizador epistêmico asseverativo. A presença do estilo indireto revela um engajamento de L1 com relação ao discurso de L2. Esse engajamento ou assimilação é reforçado pela presença do verbo afirmar: modalizador epistêmico asseverativo, uma vez que afirmar é sinônimo de dizer com certeza.

Nesse trecho, o verbo “afirmar” além de introduzir o discurso de um segundo locutor (L2=Prof. Mariz), deixa claro que o locutor responsável pelo discurso (L1=secretário) quer que o discurso de L2 seja lido como uma afirmação.

ATA 3 - ATA DA ASSEMBLÉIA DE INSTALAÇÃO DO CORESA SUL DO PIAUÍ – CONSÓRCIO REGIONAL DE SANEAMENTO DO SUL DO PIAUÍ -

Trecho 07

Falou, também, da importância do CORESA, abrindo o espaço pelo período de 15 (quinze) minutos para que os consorciados se manifestassem sobre o Estatuto.

No trecho 07, nota-se que o relato está no estilo indireto, a mudança do primeiro locutor para o segundo não é marcada pelo uso das aspas ou travessão.

Observa-se que L1 – o locutor responsável pelo discurso, em terceira pessoa – apresenta L2, Consultor Antônio Olavo Fraga Lima, e através do verbo *dicendi* “falar” traz o relato: “da importância do CORESA, abrindo o espaço pelo período de 15 (quinze) minutos para que os consorciados se manifestassem sobre o Estatuto”, incorporando ao seu próprio discurso. Embora ocorra à incorporação do relato, é possível distinguir o segundo locutor do primeiro (L2= Antônio Olavo) bem como distinguir o discurso ou relato que é atribuído ao segundo locutor, assinalado pela presença do verbo *dicendi*. No entanto, devemos assinalar que a utilização do estilo indireto constitui um engajamento de L1 com relação ao discurso de L2.

Trecho 08

Terminando suas palavras, **pediu** aos Prefeitos que não deixassem divergências políticas atrapalharem o desenvolvimento do Consórcio, renovando o seu incondicional apoio aos Municípios e colocando-se à disposição de todos os Prefeitos.

Analisando o trecho 08, nota-se que o relato está no estilo indireto, a mudança do primeiro locutor para o segundo não é marcada pelo uso das aspas ou travessão.

Observa-se que L1 – o locutor responsável pelo discurso, em terceira pessoa – apresenta L2, o Governador do Estado do Piauí José Wellington Barroso de Araújo Dias, e através dos verbos *dicendi* “pedir” traz o relato em seguida, incorporando ao seu próprio discurso. Embora ocorra a incorporação do relato, é possível distinguir o segundo locutor do primeiro (L2= José Wellington) bem como distinguir o discurso ou relato que é atribuído ao segundo locutor, assinalado pela presença do verbo *dicendi*. Ao trazer o relato, L1 o apresenta como um pedido. Trata-se, portanto, de uma modalização avaliativa, utilizada por L1 para conduzir os possíveis leitores do texto a enxergarem o relato tal como é apresentado.

No entanto, devemos assinalar que a utilização do estilo indireto constitui um engajamento de L1 com relação ao discurso de L2.

Trecho 09

Ao usar a palavra o Prefeito da cidade de Cristino Castro, João Falcão, **questionou** os artigos 4º e 37º na sua alínea XI, sendo que, as dúvidas foram esclarecidas uma vez que o Estatuto deve seguir as normas estabelecidas pela Lei 8.666/93 e de acordo com o Protocolo de Intenções.

O relato do trecho 09 está no estilo indireto, a mudança de L1 não é marcado pelo uso das aspas ou travessão. Observa-se que L1 – o escritor do discurso, em terceira pessoa – apresenta L2, o prefeito João Falcão, e através do verbo “questionar” traz o relato - os artigos 4º e 37º na sua alínea XI, sendo que, as dúvidas foram esclarecidas uma vez que o Estatuto deve seguir as normas estabelecidas pela Lei 8.666/93 e de acordo com o Protocolo de Intenções, incorporando - o ao seu próprio discurso.

L1 introduz o relato de L2 através do verbo “questionar”, modalizador epistêmico quase-asseverativo, que apresenta o conteúdo da proposição como algo possível, ou quase-certo. Nesse enunciado, “questionar” não é apenas realizar uma questão ou pergunta, mais do que isso é colocar em dúvida algo, perguntando sobre a possibilidade de sua ocorrência. Essa estratégia permite um não comprometimento do locutor primeiro, uma vez que, ao trazer o discurso de um segundo locutor, ele se isenta de responsabilidade sobre a verdade da proposição. Embora o relato esteja sob a forma de estilo indireto, o uso do modalizador quase-asseverativo faz com que L1 se distancie do discurso de L2.

5 .Resultados e Discussões

A Argumentação é um processo que, por meio da linguagem, tem por finalidade defender o ponto de vista do locutor e persuadir o interlocutor. Em geral, quem fala ou toma a palavra, não tem a intenção apenas de comunicar alguma coisa, mas conduzir o interlocutor a aceitar determinados posicionamentos.

Os estudos sobre a polifonia explicam como o locutor responsável pelo texto registra em seu discurso diversos pontos de vista, posicionamentos e decisões. Por meio das análises feitas no *corpus* investigado, identificamos a presença de diferentes tipos de locutores presentes no discurso e analisamos o posicionamento do locutor responsável pelo discurso (L1), aquele que se apresenta como responsável pela ata, com relação aos outros locutores presentes no texto; visualizamos as estratégias de engajamento e as estratégias de distanciamento.

Por estratégias de engajamento, entendam-se aquelas que denunciam um posicionamento de assimilação (concordância) de um locutor com relação ao discurso de um outro locutor. Entre essas estratégias, Nascimento (2005) inclui o estilo indireto, introduzido por verbo não modalizador, e em algumas situações, o discurso indireto introduzido por verbo *dicendi* modalizador.

Por estratégias de não engajamento, ou distanciamento, entendam-se aquelas em que o locutor responsável pelo discurso se distancia do discurso dos outros locutores, não assumindo a responsabilidade pelo dito. Nesses casos, segundo Nascimento (2005), estão o estilo direto introduzido por verbos *dicendi* modalizadores ou não, as aspas de diferenciação, entre outras estratégias.

Na presente pesquisa comprovamos a predominância da polifonia de locutores como o tipo mais comum de polifonia no texto das atas, dada a própria natureza da produção desse gênero textual.

O que nos chamou a atenção na análise do *corpus* foi que o estilo indireto apresentou maior ocorrência no gênero apresentado. Das 10 atas analisadas, todas elas estão predominantemente no estilo indireto, correspondendo a 139 ocorrências, e em apenas 02 trechos das atas estão no estilo direto.

O quadro abaixo sumariza os dados apresentados a respeito da ocorrência dos estilos diretos e indiretos no *corpus*:

Quadro 1: Estilo Direto e Indireto no *corpus*

Polifonia	Ocorrência	Porcentagem
Estilo indireto com verbo modalizador	70	50%
Estilo indireto sem verbo modalizador	67	48%
Estilo direto	2	2%
Total	139	100%

Pelos dados do quadro 01, observa-se que o estilo indireto tanto com verbo modalizador quanto sem verbo modalizador, foi o que apresentou maior ocorrência. Ao utilizar esse estilo, o locutor se apresenta com uma responsabilidade maior perante o relato do outro, uma vez que, ao fazer uso do discurso de L2, na forma de estilo indireto, L1 revela um engajamento com relação ao discurso de L2. A presença do estilo indireto revela, portanto, uma assimilação do primeiro locutor com relação ao discurso do segundo locutor.

Já com relação ao estilo direto ocorreu apenas a presença sem verbo modalizador. Ao utilizar esse estilo o falante expressa uma responsabilidade menor perante o discurso do outro, em outras palavras, ao introduzir o discurso de um L2 através do estilo direto, L1 mantém-se afastado do discurso daquele locutor, ou seja, L1 distancia-se do discurso de L2, não se comprometendo com o relato desse segundo locutor.

O quadro abaixo, de número II, sumariza as estratégias de engajamento de estratégias de distanciamento com a quantidade de cada modalizador encontrado no *corpus*:

Quadro II: Estratégias argumentativas

Estratégias Presentes no <i>Corpus</i>		Quantidade de ocorrências
Distanciamento	Estilo direto sem verbo modalizador	01
	Estilo direto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	01
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador epistêmico quase-asseverativo	15
	Aspas de diferenciação	02
Engajamento	Estilo indireto sem verbo <i>dicendi</i> modalizador	68
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador asseverativo	14
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	41

Pelos dados do quadro II, no que diz respeito à ocorrência das estratégias de engajamento e distanciamento presentes no interior do gênero ata, cujos locutores se apresentam como secretários, percebemos uma maior ocorrência das segundas em relação às primeiras (123 de engajamento e 19 de distanciamento).

Com relação aos verbos *dicendi* que apareceram tanto no estilo indireto como no estilo direto, observamos que os verbos *dicendi* não modalizadores ou de primeiro grupo apresentaram menor ocorrência, visualizamos 68 casos. Ao utilizar este tipo de verbo, o locutor responsável pelo discurso apenas apresenta o discurso de L2, sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta (L1). Já com os verbos *dicendi* modalizadores ou de segundo grupo apresentaram uma maior ocorrência, ocorreram 70 casos. Nas atas analisadas, esses tipos de verbos *dicendi* apareceram com mais frequência, através de verbos como “destacar”, “sugerir”, “informar”, etc. Estes tipos de verbos além de apresentarem o discurso de um locutor (L2) assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso pelo locutor que o apresenta (L1). Os verbos *dicendi* modalizadores, segundo Nascimento (2005), podem ser tanto epistêmicos como avaliativos. Como epistêmicos, veiculam um grau de certeza sobre o enunciado de L2, por parte de L1; com os avaliativos, L1 emite um juízo de valor a respeito do enunciado do outro locutor, indicando como esse deve ser lido.

Ainda com relação aos verbos *dicendi* modalizadores, percebemos que quando esses são do tipo epistêmico quase-asseverativo e ocorrem concomitantemente com o estilo indireto, o caráter de assimilação do estilo indireto é anulado pelo verbo *dicendi*. Em outras palavras, a imagem polifônica que se cria é o distanciamento de L1 com relação ao discurso de L2. Já quando é asseverativo, o verbo confirma o grau de engajamento gerado pelo estilo indireto.

Outro fenômeno que apareceu nas análises interligada na polifonia de locutores foi o das aspas de diferenciação, 02 no total. Normalmente, são utilizadas pelo falante para assinalar a voz de outro locutor ou se distanciar do dito. Segundo Authier-Révuz (1998), ainda são utilizadas para marcar um discurso pertencente a outro.

Os estudos realizados sobre a Teoria da Argumentação juntamente com a Teoria da Polifonia, nos permitiu uma melhor compreensão dos fenômenos ocorridos dentro do gênero em estudo, deixando claro como o locutor responsável pela ata denuncia diferentes posicionamentos e argumentatividade com relação aos demais locutores que esse traz para o seu discurso.

6. Considerações Finais

Através das investigações das atas produzidas por secretários, observamos que o locutor responsável pelo discurso (doravante secretário) faz uso de diversas estratégias argumentativas para marcar seu posicionamento com relação aos relatos presentes em seu texto, direcionando o discurso para a maneira como ele pretende que seja lido.

Com isso, o que podemos concluir das análises realizadas a respeito da ata, é que a polifonia é uma estratégia argumentativa presente no gênero, permitindo ao locutor responsável pelo enunciado emitir julgamentos e se posicionar com relação ao discurso de outros locutores presentes no texto.

Com relação aos verbos *dicendi*, a conclusão mais relevante é que eles não são apenas meros introdutores de discurso ou relato. Além dessa função, eles são portadores de sentido e podem indicar o modo como esse discurso ou relato deve ser lido. Funcionando, assim, como modalizadores epistêmicos ou avaliativos.

O que mais nos chamou atenção ao término da investigação do atual *corpus*, composto por atas produzidas por secretários, foi a presença significativa das estratégias de engajamento. Essas estratégias foram marcantes em todas as atas: essas foram escritas no estilo indireto, introduzido por verbo não modalizador, e em determinadas situações, por verbo *dicendi* modalizador. Elas denunciam, por conseguinte, o posicionamento de

assimilação (engajamento) de um locutor (L1) com relação ao discurso de um outro locutor (L2).

Já com relação às estratégias de distanciamento, em menor ocorrência no *corpus*, essas se materializaram principalmente através do estilo indireto introduzido por um modalizador epistêmico quase-asseverativo (registramos apenas 02 casos de estilo direto). Através do uso do quase-asseverativo, o locutor responsável pelo discurso se distancia do discurso dos outros locutores, sem assumir responsabilidade pelo dito. Para Nascimento (2005), o verbo epistêmico quase-asseverativo tem um efeito de sentido suficientemente eficaz, a ponto de anular o caráter de assimilação que gera o estilo indireto.

Reiteramos: as descrições mostram que, em atas produzidas por secretários, a estratégia que mais predomina é a de engajamento. Assinalam, no entanto, que o distanciamento também ocorre, predominantemente pelo uso do no estilo indireto tanto com verbo *dicendi* modalizador epistêmico quase-asseverativo.

Do ponto de vista linguístico, esses dados demonstram a natureza polifônica do gênero em estudo, comprovando que a polifonia de locutores funciona como estratégia argumentativa na ata.

Os resultados demonstram ainda que, ao fazer uso do relato de membros de uma seção ou reunião, no interior de uma ata, o secretário pode assumir diferentes posições com relação a esses relatos: engajamento, distanciamento, avaliação. Isso implica que a ação linguística desse profissional é argumentativa e que ele imprime sua subjetividade, quando da produção do gênero ata, em prol de determinadas intenções (intersubjetividade).

Acrescentamos, ainda, que a presença da polifonia no gênero ata, já havia sido objeto de investigações anteriores, quando observamos a polifonia em textos produzidos não por secretários, ou seja, em atas produzidas por outros membros presentes na seção, reunião etc. objeto de relato. Em trabalhos futuros, correlacionaremos os resultados das descrições das estratégias tanto das atas produzidas por secretários como das produzidas por membros da seção, a fim de verificar se há diferenciação nas estratégias argumentativas utilizadas em cada um dos casos.

7. Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras Incertas:** As não-coincidências do dizer. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail [1895-1975]. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução por Paulo Bezerra. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 2002a. Tradução de ProblémipoétikiDostoiévskovo. [2ª edição: 1997]

CERVONI, Jean. **A Enunciação.** São Paulo: Ed. Ática S.A., 1989.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y Argumentación:** Conferencias del Seminario Teoria de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A Interação pela Linguagem*. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. **Correspondência**: técnicas de Comunicação criativa. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MEDEIROS, João Bosco. **Correspondência**: técnicas de Comunicação criativa. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Jogando com as vozes do outro**: A Polifonia – recurso modalizador-na notícia jornalística. João Pessoa: UFPB, 2005. (Tese de doutorado)

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

SABINO, Rosimeri Ferraz; ROCHA, Fabio Gomes. **Secretariado**: do escriba ao webwriter. Rio de Janeiro: Brasport, 2004

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática Ensino Plural**. São Paulo: Cortez, 2003.